

## JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS

### LABIRINTOS URBANO-EXPRESSIONISTAS

Erica Schlude Wels

(Graduada em Jornalismo pela Uerj, doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ, graduanda em Português-Alemão pela UFRJ)

“Quem não se contenta em ser apenas mais um espectador encantado, num momento em que a cinematografia atrai multidões, aprende a analisar o que a tela lhe mostra.”

Telê Ancona Lopez

O objetivo do presente ensaio é aventurar-se pelo labirinto construído por duas obras exemplares do expressionismo cinematográfico alemão: *M, o Vampiro de Düsseldorf* (1931), de Fritz Lang, e *O Gabinete do Dr. Caligari* (1919), de Robert Wiene, este considerado o precursor do movimento no cinema.

Inicialmente, algumas palavras sobre expressionismo. Para muitos críticos, o movimento foi uma resposta da Alemanha às vanguardas artísticas do início do século XX, como Dadaísmo, Futurismo, Surrealismo. Para outros, com os quais concordamos, o expressionismo floresceu como resposta a um contexto histórico específico, leia-se político, econômico e social, de extrema complexidade. Falamos de uma Alemanha desmantelada, após a 1ª. Guerra, e que assiste à ascensão da ideologia nazista, da xenofobia e, sobretudo, a ondas anti-semitas, até a tomada do poder por Adolf Hitler em 1933, seguida pela 2ª. Guerra Mundial e do Holocausto. Não é pouca coisa. Após a 1ª. Guerra, a Alemanha vê-se excluída da corrida imperialista que marca outras potências e principalmente, humilhada pelo Tratado de Versalhes, que prevê pesadas reparações de guerra até os anos 80 do século XX. O desemprego é avassalador, a inflação mina a qualidade de vida, trabalhadores se espremem em cortiços, nos quais a prostituição é moeda corrente. Faltam homens sadios, a quantidade de amputados que mendigam nas ruas é imensa, retratada com maestria por pintores como Otto Dix (1891-1969 / óleo sobre tela e colagens, *Prager Strasse*, 1920). É nesse contexto turbulento que nasce o Expressionismo, inicialmente na pintura, bebendo na fantasia impressionista de Van Gogh (1853-1890), no “exotismo” de Gauguin (1848-1903), na angústia de Edward Munch (1863-1944), nos arabescos do *Jugendstil* (na França, *Art Nouveau*), na arte medieval e seu ideal ético-coletivo: a catedral gótica como símbolo da união entre arte e técnica, artesão e arquiteto numa só figura, justamente o

## JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS

símbolo presente no manifesto da Bauhaus.<sup>1</sup> Da pintura, o movimento migra para as letras, na poesia de Georg Trakl (1887-1914), George Heym (1887-1912), Jakob van Hoddis (1891-1942), nos manifestos das revistas *Der Sturm* e *Die Aktion* (“A Tempestade” e “A Ação”, respectivamente), entre outras, e na produção em prosa, na genialidade de um Alfred Döblin (1878-1957), autor do “épico” *Berlin Alexanderplatz* (1928). Ecos expressionistas se encontram na obra de Franz Kafka (1883-1924), ainda que este autor tenha transcendido os aspectos estéticos da escola. O impacto nas letras, o intenso debate intelectual que mobilizará as cidades alemães de Berlim e Munique, além de Viena, na Áustria, será definitivo no teatro, em obras como *O Despertar da Primavera*, de Frank Wedekind (1864-1918), apresentadas em cenários delirantes, com indumentária transgressora. O expressionismo ainda influenciará a Moda, a Arquitetura e a Dança e por fim, a arte que sintetizará todas essas vertentes: o Cinema. Resumindo, destacamos o aspecto plástico, a contribuição de cenógrafos brilhantes na elaboração do pano de fundo para os filmes, além do roteiro marcado por uma busca do psicologismo e do essencial.

*O Gabinete do Dr. Caligari* narra a manipulação por um cientista louco (Caligari) de um sonâmbulo, César, vestido numa malha preta de gola rolê e maquiado de forma bizarra. Numa feira de variedades, César adivinha o futuro de um espectador, dizendo que ele viveria até a aurora. O tema da morte já é, em si, uma angústia expressionista, assim como o medo da velhice e o desejo de aniquilá-la. Trata-se de assassinatos cometidos pelo próprio sonâmbulo, comandados por Caligari. O filme é inteiramente mudo, os diálogos são econômicos e a cidade por onde transita César é um pesadelo expressionista. Tudo foi produzido em estúdio: prédios e ruelas estreitas, não há natureza, mas sim arbustos e árvores fantasmagóricas, móveis e objetos enormes, raios distorcidos pintados no chão. Estamos distantes, porém, da Babel multicultural e caótica, marcada pela violência de *M, o vampiro de Düsseldorf*.

O mito de Babel esconde história e mito. A Babilônia foi sim, um centro de comércio poderoso, para o qual eram atraídas pessoas de várias cidades, a exemplo

---

<sup>1</sup> Bauhaus: célebre escola de arquitetura e artes plásticas, em atividade de 1919 a 1933. Pela Bauhaus, passaram nomes como Lyonel Feininger, Walter Gropius, Johannes Itten, Paul Klee e Wassily Kandinsky. A capa do manifesto da escola, assinado por Walter Gropius, mostra uma catedral em cuja torre convergem raios, representando a união das artes com a arquitetura, no sentido de uma *Gesamtswerk*, isto é, “obra de arte total”, ideal ético e estético.

## JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS

do que ocorre hoje em dia com centros de poder, como Nova Iorque. Mas a Babilônia, ou a Babel, foi também o local onde homens inflados pela soberba construíram uma torre, cujo objetivo era chegar aos céus para se aproximar de falsos deuses. Jeová, então, para puni-los, misturou-lhes as línguas, tornando a comunicação impossível e instaurando o caos; estaria aí a origem da diversidade lingüística.

No livro *Todas as cidades, a cidade*, Renato Cordeiro Gomes nos convida a uma leitura fascinante dos infinitos signos da Babel, transitando pela poesia de Carlos Drummond de Andrade, ou pelas obras de Ítalo Calvino e Jorge Luís Borges. A experiência urbana aí narrada é, sem dúvida, a da solidão, da exclusão, da impessoalidade, da ruptura, do caos, do labirinto de vidas que compõe um todo, ao mesmo tempo que se isolam por completo. Fica fácil entender porque as relações humanas pintadas pela experiência de choque da *urbs* sejam erguidas a partir da violência. A violência irá permear *M, o vampiro de Düsseldorf*, obra clássica de Fritz Lang, a partir de um caso verídico de um *serial killer* que assassinava crianças. Todo o aparato policial – as técnicas investigativas e a burocracia das delegacias – se mostra repentinamente, incapaz de localizar o assassino, que à solta, ameaça o que a cidade tem de mais indefeso e valioso: suas crianças a caminho de casa ou da escola, o que podemos ler como uma metáfora do futuro. Por fim, uma liga de mendigos é montada para auxiliar a polícia, como olheiros, enquanto a liga de criminosos busca o homem, a fim de diminuir a fiscalização policial nas ruas que atrapalha seus serviços! A ironia reside no cego que reconhece o assvio do assassino, um dos *leitmotive* (“motivo condutor”, breve peça musical inspirada nas óperas, capaz de caracterizar determinado personagem ou sentimento) mais famosos do cinema. O assassino recebe uma marca, feita a giz, da letra “M”, de “Mörder”, (“assassino” em Alemão), bastante simbólica. Capturado num prédio de escritórios pela liga de criminosos, ele é levado a julgamento. Durante o episódio, com interpretação visceral de Peter Lorre, o ator de olhos esbugalhados, um advogado de defesa improvisado afirma que o réu sofre de problemas mentais graves e pede sua absolvição. O assassino reconhece sua compulsão por matar e enquanto seu destino é selado, a polícia invade o prédio e desmonta o “tribunal”. A última frase é antológica. Uma mulher, diante da captura do assassino pela polícia e sua nova inclusão num asilo psiquiátrico, seguida de nova liberação após tratamento médico, (o que levaria a novas mortes),

## JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS

afirma: “É preciso defender nossas crianças...” O que está em xeque é a natureza do mal. Buscamos um diálogo com a área da Ética, na Filosofia, que classifica o mal como a ausência absoluta do bem, o incompreensível, diante do qual não encontramos explicação. Para o mal personificado, os aparelhos do estado, para usar um termos de Louis Althusser, nada podem fazer. Podemos entender o assassino à solta como uma alegoria do crescimento da ideologia xenófoba e anti-semita, com a qual Fritz Lang não compactuava. Mais tarde, convidado por Hitler para ser o cineasta do Terceiro *Reich* (*Metrópolis* era uma das obras favoritas do “Führer”), ele não aceita, e parte para o exílio nos Estados Unidos, onde trabalhou intensivamente como diretor.

A cidade por onde transita o “vampiro”<sup>2</sup> é a *urbs* labiríntica, na qual se debatem desvalidos, mendigos, marginais, policiais severos moldados segundo a disciplina prussiana, todo tipo de trabalhadores, veículos, o vai-e-vem humano orquestrado pelas urgências do trabalho rotineiro. Em meio a esse cenário, desenrola-se o drama humano da personificação do mal e a total incapacidade do aparato social repressivo melhorar esse indivíduo, devolvendo-o em segurança de volta à sociedade.

Já o mundo de Caligari é ditado pelo sonho e pela fantasia, denunciando a influência que uma ciência nascente na época, a Psicanálise, irá exercer sobre a obra de arte. A *urbs* de Caligari é também labiríntica, mas é um microcosmo delirante, com seus cenários pintados<sup>3</sup> e transeuntes anestesiados. O sonambulismo é, por si só, um tema interessante à estética expressionista, que irá reproduzi-lo na figura do autômato, do outro, do duplo, como em *O Golem*, baseado numa lenda judaica (*Der Golem*, 1920, Paul Wegener). A manipulação do cientista louco, que é, na verdade, o perverso diretor de um instituto psiquiátrico, é outro ponto importante do psicologismo, a cisão da alma humana em fragmentos

---

<sup>2</sup> O “vampiro” expresso no título, obviamente simbólico, é uma peculiaridade do título em Língua Portuguesa. No original em Alemão, a tradução literal é: “M: uma cidade procura um assassino.”

<sup>3</sup> Um trecho de um artigo de Paul Leni (Cineasta alemão, decorador formado pelo grande dramaturgo Max Reinhardt, diretor de *O gabinete das figuras de cera*), de 1924, explica a importância da cenografia delirante para o estilo expressionista: “[...] Vemos que um cenógrafo não deve construir “belos” cenários. Deve tocar o coração das coisas, que está além de sua superfície. Deve criar a atmosfera, mesmo se precisa salvaguardar sua independência face ao objeto visto apenas pelos olhos de todos os dias. É isto que faz dele um artista, do contrário, eu não poderia compreender que ele não seria substituído por um hábil aprendiz de carpinteiro.”

## JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS

desarmônicos e enigmáticos. César é ainda uma metáfora para o povo alemão, que marcha, como sonâmbulo, em direção à ascensão do nacional-socialismo (nazismo) e suas drásticas conseqüências na história mundial.

Ressaltamos a atualidade e a importância da escola cinematográfica expressionista. Sem dúvida, o expressionismo foi uma estética que marcou o cinema mundial, tendo influenciado, por exemplo, Orson Welles (1915-1985), diretor de *Cidadão Kane* (1941), recentemente reeleito pela crítica especializada como o melhor filme de todos os tempos. Com a fuga em massa de técnicos, roteiristas, atores e diretores de ascendência judaica para os Estados Unidos, nos anos anteriores e ao longo do período da segunda guerra, a indústria cinematográfica norte-americana se beneficiou da arte desses imigrantes e, viu nascer, por exemplo, a escola *Noir*<sup>4</sup>. Os filmes *Noir* são considerados, justamente, herdeiros da estética de luz e sombra expressionista, do jogo entre bem e mal, dos *outsiders*, da *urbs* frenética, do psicologismo e do mistério.

A *urbs* retratada nos filmes em questão muito dialoga com a *urbs* pós-moderna e caótica e retrata um mundo de violência, no qual o indivíduo é vítima e algoz de sua condição; está sozinho, porém estranhamente unido a milhares de outras vidas desconhecidas.

### REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Inácio. *Cinema: o mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995. Coleção História em Aberto.

COSTA, Antonio. *Compreender o cinema*. Trad. Nilson Moulin Louzada. 3. ed. São Paulo: Globo, 2003.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LABAKI, Amir. (Org.). *Folha conta 100 anos de cinema: ensaios, resenhas e entrevistas*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

NAZÁRIO, Luiz. *De Caligari a Lili Marlene: Cinema alemão*. São Paulo: Global,

---

<sup>4</sup> **Definição:** Estilo de filme primariamente associado a filmes policiais, retratando seus personagens num mundo cínico e antipático. Gênero derivado dos romances de suspense da época da Grande Depressão (muitos dos filmes *noir* foram adaptados de romances policiais do período), e do estilo visual dos filmes de terror da década de 1930. Os primeiros *noir* aparecem no começo da década de 1940, sendo historicamente filmados em preto-e-branco e caracterizados pelo alto contraste.

**JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS**

**1983.**

**GUINSBURG, J. (Org.). *O Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.**